



O MUSEU COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA: O ESPAÇO MUSEOLÓGICO E O ENSINO DE HISTÓRIA

THE MUSEUM AS MEMORY SPACES: THE MUSEOLOGICAL SPACE AND THE TEACHING OF HISTORY

SOUSA, Daniel Syllas Pereira¹

MORAIS, Marcelo Bezerra de²

TAMANINI, Paulo Augusto³

RESUMO

Com este trabalho temos o objetivo de discutir os espaços museológicos como locais de conhecimento, memória e História e as possibilidades que estes oferecem para o ensino e aprendizagem em História. Para isso, buscamos na Casa Museu Máxima Rebouças, localizado no município de Areia Branca/RN, uma proposta de estudo analítica sobre a temática da história, da memória e do patrimônio cultural com a linguagem museológica. Traçamos uma discussão sobre os vínculos que os sujeitos estabelecem com os espaços vivenciados e as relações identitárias e históricas construídas, bem como sobre os elos entre o ensino de História, a memória e o patrimônio cultural. Por meio de um estudo analítico entre as linguagens utilizadas pelos museus-memória e museus-narrativos, e ainda pela diferença entre história e memória, reafirmamos a Casa Museu Máximo Rebouças como um espaço museológico. Concluímos que os espaços museológicos são espaços nos quais os sujeitos estabelecem conexões com os acontecimentos históricos, sendo ambientes necessários, apropriados e de grandes possibilidades para a aprendizagem em História, mas ainda pouco explorados no ensino.

PALAVRAS-CHAVE: História; Memória; Museu; Patrimônio cultural; Ensino de História.

ABSTRACT

With this article we aim to discuss the museum spaces as places for knowledge, memory and history and the possibilities they offer for teaching and learning in history. In this regard, we looked for at the Casa Museu Máximo Rebouças museum, located in the city of Areia Branca, state of the Rio Grande do Norte, Brazil, a proposal for an analytical study on history, memory and cultural heritage in the context of museum language. We discussed the links

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO - UERN/UFERSA/IFRN). Natal, RN, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7901-3290> . e-mail: daniel.syllas@outlook.com

² Professor da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Natal, RN, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4563-822X> . e-mail: morais.mbm@gmail.com

³ Professor e orientador de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Mossoró, RN, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6963-2952> . e-mail: paulo@tamanini.com.br



that subjects establish with those spaces, construction of identity and historical relations as well as links with the teaching of History, memory and the cultural heritage. Through an analytical study of the languages used by memory museums and narrative museums as well as by the difference between history and memory, we defend Casa Museu Máximo Rebouças as a museum space. We conclude that museum spaces are where subjects establish connections with historical events. Though as of yet little explored for teaching, those spaces are necessary, appropriate and open up great possibilities for the learning of History.

KEYWORDS: History; Memory; Museum; Cultural heritage; Teaching of history.

INTRODUÇÃO

Uma das grandes aventuras na história do ser humano foi a busca por novos territórios. Por muito tempo, durante um certo período da pré-história, o ser humano era visto como um ser viajante, um nômade explorador na intenção de conquistar, em curtos períodos, novos espaços para garantir a sua sobrevivência. A procura constante por alimentos e a busca por abrigo e proteção para enfrentar as longas noites e os perigos ocasionados pelos animais fizeram dele uma espécie que vagava pelo mundo, aventurando-se por regiões desconhecidas e inóspitas. De acordo com Blainey (2008, p. 9) "em cada região desconhecida, tinham de adaptar-se a novos alimentos e precaver-se contra animais selvagens, cobras e insetos venenosos". O espaço onde se instalava não tinha significado para ele, servia apenas como amparo às suas necessidades vitais.

Segundo Harari (2016, p. 87) "tudo isso mudou há cerca de 10 mil anos, quando os sapiens começaram a dedicar quase todo seu tempo e esforço a manipular a vida de algumas espécies de plantas e animais". O surgimento da luta pela conquista de terras e da propriedade privada através da busca por melhores áreas cultiváveis proporcionou a fixação dos seres humanos em espaços agora demarcados. Havia a necessidade de possuir o seu próprio território para desenvolver suas atividades e exercer o seu domínio sobre a terra e sobre a produção agrícola. Como nos mostra Harari (2016, p. 89) "assim que isso ocorreu, eles abandonaram alegremente a vida espartana, perigosa e muitas vezes parca dos caçadores-coletores, estabelecendo-se em uma região para aproveitar a vida farta e agradável dos agricultores".

O espaço por ele habitado passou a ter um novo significado, de propriedade, de intimidade, de importância para todo o desenvolvimento de um grupo de pessoas. Os espaços consagrados por cada tribo, por cada família acabaram fazendo parte de sua memória. Esses territórios passaram a assumir a unidade autêntica da vida de cada sujeito ali presente.

Os espaços tornaram-se parte dos sujeitos, assim como os sujeitos são transformadores desses espaços. Os ambientes construídos pelos sujeitos também são partes das experiências vivenciadas no processo da evolução humana. Assumem, a partir daí uma relação de identidade e de posse expressa por uma devoção e



apego por todas as coisas que fazem parte desse enlace, tanto as coisas materiais, como as abstratas.

O ser humano deixou a sua marca na história e toda a sua produção, seja em qual cultura for, é objeto que permanece viva em sua memória e este a carrega consigo para outros lugares e outros tempos. Os espaços foram transformados, modificados, valorizados tornando-se objeto íntimo de sua essência enquanto constitutiva para a sua formação.

É na história das suas aventuras que os sujeitos constroem sua memória e seu patrimônio cultural, tornando-se não só a aventura da sua vida em particular, mas a experiência de toda uma geração. É na experiência de sua vida junto com as de outras vidas que os sujeitos evoluem e constroem sua história.

A história experienciada pelos sujeitos é repleta de significados e construções que são transmitidas para as gerações futuras, transformando-as em objetos de valor e conhecimentos que produzem aprendizagens necessárias para compreender os caminhos traçados que proporcionaram os sujeitos a chegar onde chegaram. Ou seja, entender a história passada, o que foi pensado, decidido, construído, alterado, imaginado para que estejamos na situação das questões postas no presente significa remeter aos artefatos do passado, assim como as ações e decisões pensadas e praticadas para melhor compreender toda a aventura humana em determinado período do tempo.

Em sua passagem pela Terra, o ser humano presenciou e experienciou momentos ímpares e nela construiu e transformou sua realidade. Evoluiu, destruiu, refez e inventou o novo através do velho. Sua marca foi registrada no tempo e esta é sempre passada para os próximos sujeitos que reinventarão uma nova história.

Assim, percebemos a memória e o patrimônio cultural como partes das estruturas sociais que foram erguidas pelos sujeitos em suas relações no passado, e sua importância para que a aventura humana persista de forma revigorante através das gerações sem perder de vistas sua história. É no ensino da disciplina História que encontramos um potente espaço para discutir essas categorias e constituir nos indivíduos uma percepção de sujeito histórico.

CONHECIMENTO HISTÓRICO E PRODUÇÃO DE MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA ENSINADA

O ensino de História tem alavancado uma série de críticas e discursos sobre a sua prática nas últimas décadas do século XX e início do século XXI e muitos são os estudos historiográficos que dialogam com a história ensinada nas instituições de ensino no Brasil. As críticas giram em torno de uma concepção positivista que embebedou as práticas de ensino nas escolas públicas brasileira direcionando um modelo de ensino até os dias atuais.

A história como disciplina escolar criou suas raízes em um modelo verticalizado e determinado de ensino como percebido em determinados textos



abordados nos livros didáticos adotados em geral pelos sistemas de ensino em todo o país. Muitas vezes, as aulas de história nada mais são que a reprodução de uma leitura dos acontecimentos históricos ligadas aos personagens heroicos e aos grandes feitos determinados pelas visões dos autores dos livros didáticos e das editoras. A história oficial ficou engendrada nas páginas de muitos currículos oficiais, presa a verdades construídas através de percepções imaginadas por um grupo minoritário da sociedade que alavancam seus próprios interesses.

Dessa forma, em muitos casos, a história ensinada visa divulgar fatos históricos notáveis, dos “heróis” e personagens importantes que se distanciam da realidade do aluno e de grande parcela da população. Quando isso ocorre, uma história “oficial” é concretizada nos currículos de ensino em cada sala de aula que enaltece os fatos em particular e oculta a participação coletiva da sociedade nos eventos históricos.

Sendo assim, esse tipo de história perde a sua dinâmica temporal, e fica presa a um passado inalcançável, um passado distante de se lembrar e de vinculá-lo à realidade. Assim, a história desvincula-se da memória, de sua autenticidade e das possíveis “verdades” que carrega, desvincula-se do contexto social do povo.

Essa perspectiva de ensino de história é dispare da que defendemos neste trabalho. Aqui abordamos uma história ensinada que dê sentido ao passado e ao presente, e proporcione reflexões para a construção de um futuro. Advogamos ensinar uma história que possibilite a construção do conhecimento histórico de uma sociedade e de uma época calcada na memória de cada sujeito social e coletivo, contribuindo para a construção de identidades

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes, o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais. (BARROS, 2013, p. 12)

De acordo com essa perspectiva, o ensino de história tende a desempenhar um papel que reflita a sua prática e construa possibilidades de uma formação para a cidadania. O conhecimento histórico deve proporcionar um saber crítico dos fatos históricos e exaltar maior relevância ao ensino.

Assim, a atuação do indivíduo e suas relações pessoais nos grupos de convívio, bem como sua participação nos eventos culturais e contribuições nos atos públicos e coletivos alicerçam a construção da sua identidade e dão sentido a sua realidade social. Não somente conhecer o passado é importante para compreender o presente, mas conhecer sua própria história e o seu cotidiano fortalecem identidades.



Conforme as Orientações Curriculares para o Ensino Médio são importante a introdução do debate em sala de aula para que se compreenda o papel da memória na vida da população, dos vínculos que cada geração estabelece com outras gerações, das raízes culturais e históricas que caracterizam a sociedade humana (BARROS, 2013, p. 12).

A educação ligada ao ensino de história muitas vezes tem se preocupado em estabelecer um ensino voltado para uma educação patrimonial, ou seja, uma educação que tenha proximidade com a realidade social de um grupo ou de uma população. Estudar a história do sujeito social construída pelo próprio sujeito, revela sua autenticidade e proximidade com os acontecimentos históricos. Assim como a sua memória, as construções sociais determinadas pelos sujeitos em cada cultura trazem nelas resquícios de um momento na história da vida de cada homem e cada mulher presente numa sociedade.

O ensino de História e sua conexão com a memória e o patrimônio cultural coloca o sujeito próximo, dentre outros fatores, de sua realidade, sendo este atuante e protagonista da transformação social que resvala em seu próprio contexto.

O conceito mais abrangente de patrimônio cultural abre perspectivas de adoção de políticas de preservação patrimonial. O compromisso do setor educacional articula-se a uma *educação patrimonial* para as atuais e futuras gerações, centrada no pluralismo cultural. Educação que não visa apenas evocar fatos históricos “notáveis”, de consagração de determinados valores de setores sociais privilegiados, mas também concorrer para a rememoração e preservação daquilo que tem significado para as diversas comunidades locais, regionais e de caráter nacional. A preservação do patrimônio histórico-cultural deve pautar-se pelo compromisso de contribuir com a *identidade cultural* dos diversos grupos que formam a sociedade nacional. (BITTENCOURT, 2008, p. 278)

Os sujeitos sociais são os transformadores da cultura, ou seja, é a própria ação social presente na vida de cada um que proporciona a produção cultural de um povo. As linguagens, crenças, costumes, todas as suas construções, tanto as abstratas como as concretas, estão articuladas com o local e com os valores construídos pela comunidade. Vincula-se isso a sua identidade, ao significado do que está centralizado e caracterizado em cada indivíduo.

O patrimônio cultural e a memória conectada com o ensino de história proporcionam um aprendizado não somente dos eventos históricos tidos como importantes, mas relaciona toda a construção social e cultural de um povo com os indivíduos comuns, a sua identidade, ao seu trabalho, ao seu cotidiano e todas as suas relações presentes na vida de cada sujeito.



Hoje, todos sabemos que a finalidade básica do ensino da História na escola é fazer com que o aluno produza uma reflexão de natureza histórica, para que pratique um exercício de reflexão crítica, que o encaminhe para outras reflexões, de natureza semelhante, na sua vida e não só na escola. Afinal de contas, a História produz um conhecimento que nenhuma outra ciência produz e ele nos parece fundamental para a vida do homem – indivíduo eminentemente histórico. O estudo da História nos possibilita aprender e apreender um referencial que nos ajuda na leitura e compreensão da realidade social (FERNANDES, 1995, p. 44).

A memória é uma prática essencialmente humana, ela é própria da ação praticada pelos sujeitos em suas relações sociais. O uso da memória é facilmente constituído nas diversas experiências e construções sociais dos indivíduos, nas datas, nas oralidades, comemorações, conversas. Para o historiador, a memória é a ferramenta de produção histórica de grande esmero em sua prática de construção da história de um povo. É através de sua própria representação que a história é contada e registrada como fato e evento consubstanciado pela transformação do ato coletivo.

A memória, portanto, é uma das mais importantes características humanas. Está tanto na constituição do indivíduo quanto na base da civilização, de maneira que é possível identificá-la nas lembranças pessoais, na oralidade, nos lugares, nos símbolos, nas comemorações, nos calendários, nos documentos, nos monumentos e etc. Assim, por constituir-se traços do passado é para o historiador uma ferramenta importante para a análise das experiências humanas ao longo do tempo e para o professor de história um conceito fundamental para fazer pensar historicamente (OLIVINDO, 2017 p. 2).

O ensino de História não tem mais como pretensão apresentar somente uma verdade inquestionável dos fatos abordados nos livros, mas de compreender as experiências vividas pelos povos em determinada cultura, mostrando como as relações são mantidas e transformadas nos espaços vividos pelos sujeitos sociais. Nessa perspectiva, a construção da memória no ensino de história passa a ser entendida como uma ação política, um exercício carregado de subjetividade e afetividades.

A História e sua conexão com a memória e com o patrimônio cultural possibilita uma aprendizagem mais próxima de um contexto que apresenta os problemas da sociedade e destaca os processos de transformação, os conflitos e interesses de cada grupo social. Nesse aspecto, os atores sociais necessitam reconhecer o seu papel na sociedade e desenvolver uma consciência crítica para nortear suas lutas e condições identitárias.



A CASA MUSEU MÁXIMO REBOUÇAS: PERCEPÇÕES SOBRE O ESPAÇO DE MEMÓRIA

Até pouco tempo os museus eram vistos como instituições aristocráticas, reservado para amantes da arte e intelectuais. Lugares distantes do povo. Isso começa a mudar, mesmo que lentamente. Os museus recebem um novo conceito historiográfico, assim como novas linguagens em sua concepção enquanto espaço que se fortalece como ambientes mais próximos da população, tornando-os não apenas públicos, mas promovendo a interação na perspectiva de abrir novos caminhos entre os povos.

A gente recebe um público diversificado. São amantes da cultura, estudantes, turistas de outros países como Portugal, Noruega, Suíça, que vem a nossa terra se deleitar com as nossas belezas e aproveitam para conhecer a nossa história. Pessoas de cidades do nosso estado também tem frequentado bastante o museu, Apodi, Mossoró, Baraúnas, Natal, Açu, Grossos, Currais Novos e outras. Por mês temos uma frequência de mais de 200 visitantes. (REBOUÇAS, Máximo. Entrevista realizada no dia 07/11/2018 por Daniel Syllas. Entrevista escrita disponível no arquivo dos pesquisadores).

A Casa Museu Máximo Rebouças carrega um pouco da história de Areia Branca, município do Estado do Rio Grande do Norte. Cada artefato do museu guarda um pouco da memória das famílias areia-branquenses, objetos que exprimem, não somente lembranças do passado da cidade, mas recordações de pessoas que se instalaram e viveram na "Terra do Sal", título rendido ao município pela sua massiva produção salinera.

A ideia da Casa Museu Máximo Rebouças surgiu a partir do projeto de uma escola da zona rural do município onde o proprietário do museu era professor. O projeto tinha como tema "Resgatando a história de Areia Branca". Cada professor da escola ficou incumbido de montar uma exposição sobre o tema proposto. Na oportunidade, o professor Máximo Rebouças teve a iniciativa de recolher artefatos antigos pertencentes a pessoas da comunidade da Redonda para compor a exposição. "Para minha surpresa consegui muitas relíquias que chamei de pepitas, como documentos, fotografias, objetos de várias utilidades, moedas e cédulas antigas, disco de vinil etc.", diz o professor. A exposição foi um sucesso e fortaleceu o interesse em colecionar esses artefatos.

A vontade e a busca por conhecimentos fizeram nascer A Casa Museu Máximo Rebouças que foi fundada em outubro de 2003 e que leva o nome do professor em homenagem pela iniciativa. Através de entrevistas e conversas com moradores mais antigos da cidade sobre a história de Areia Branca, o idealizador do museu conseguiu montar um acervo expressivo de objetos variados. A junção de peças doadas e muitas vezes compradas transformou o prédio, antes comercial, em um espaço pequeno para tanto "cacareco velho" – como eram chamados, pelos seus conhecidos mais próximos, os objetos antigos arrecadados, segundo nos informa o professor.



Tal processo de seleção sempre envolve escolhas como nos mostra o trecho a seguir:

Uma reflexão importante relativa ao ato de constituição de um acervo museal, tanto para a versão tradicional como para a configuração virtual dessa instituição de preservação da memória, é que tal acervo nunca é um fato natural. Ao contrário, trata-se sempre de um ato de criação e elaboração discursiva, construído em torno de objetos selecionados pelo acaso do tempo e selecionados pelo trabalho humano ancorado no desejo de definir o que é digno de ser lembrado (ROZA, 2014, p. 233).

Com recursos próprios advindos de seu trabalho, o professor Máximo, assim conhecido no município, financiou a reforma do espaço do museu, ampliando as salas e construindo um primeiro andar no prédio. Ainda assim, os espaços não apresentam dimensões apropriadas que acomodem as mais de dez mil peças expostas no museu.



Fig. 1 – Antigo prédio da CMMR – (Acervo dos autores)



Fig. 2 – Atual prédio da CMMR – (Acervo dos autores)

A Casa Museu Máximo Rebouças é registrada no Guia dos Museus Brasileiros do IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus, e tem um acervo bastante diverso, todo catalogado e organizado de acordo com sua tipologia como consta no guia do IBRAM – Antropologia e Etnografia, Ciência e Tecnologia, História, Imagem e Som – que pode ser visto na página 151 do Guia referente aos museus do Estado do Rio Grande do Norte (BRASIL, 2011).

Ao entrar na Casa Museu, podemos perceber uma variedade de peças e objetos expostos em estantes e armários antigos, organizados de uma forma que nos proporcionam estreitos corredores como o único espaço para se transitar pelo ambiente. Nas paredes também encontramos quadros e molduras expondo imagens,

fotos e documentos relacionados à história do lugar. Muitas peças estão relacionadas a personalidades e entidades de décadas passadas da história de Areia Branca.

Há vários espaços de homenagem no museu. Políticos, comerciantes, padres, marítimos, profissionais da saúde, professores, empresas e instituições que se instalaram na cidade são lembrados através de representações expostas em peças ou documentos, como também a exposição de objetos pessoais, como é o caso da representação do dormitório da professora Geralda Cruz, primeira professora de matemática da cidade, cujo nome atualmente é perpetuado por denominar uma das escolas municipais de Areia Branca.



Fig. 3 – Estreitos corredores do museu
Acervo dos autores



Fig. 4 – Documentos da história de Areia Branca
Acervo dos autores

É possível perceber que as homenagens são muitas e que não estão simbolizadas somente nas personalidades e autoridades que estiveram à frente na composição da história do município. Do político ao pescador, do professor ao fotógrafo, do padre ao barbeiro, de espaços públicos a instituições privadas são exemplos de objetos encontradas no museu e lembrados através desses pertences, posições ou serviços prestados à sociedade areia-branquense. Uma das representações que mais chama a atenção dos visitantes, principalmente dos mais velhos, é a exposição da sala do Cine São Raimundo montada no primeiro andar do prédio e com artefatos que pertenceram ao cinema que, na década de 1950 e 1960 era espaço de lazer e diversão, de encontros e namoros dos jovens daquela época.

Assim como muitas peças no museu, as coleções estão bem visíveis por todos os ambientes do prédio. Armas antigas, selos, cigarros, relógios de algibeira, livros, filmes, revistas em quadrinhos, eletrônicos como rádios, telefones e televisores, máquinas de datilografia, são peças que traduzem a natureza diversa da Casa Museu Máximo Rebouças e que ressignificam o passado relacionado a muitos moradores da cidade de Areia Branca. Os objetos proporcionam recordações de períodos da infância de muitos visitantes que ali chegam.



Fig. 5 – Coleções da CMMR
Acervo dos autores

O espaço de memória proporcionado pela Casa Museu Máximo Rebouças não carrega consigo somente a história da cidade de Areia Branca. Por trás de uma história oficial do município são compiladas diversas narrativas e histórias outras, não oficiais, experiências diferenciadas, visões, hábitos e costumes deixados como lembranças e retratados em objetos e artefatos que em posse das pessoas fizeram parte e contribuíram com a história local e nacional. A memória de um povo permanece atrelada aos objetos e artefatos que fizeram parte da vida de cada um. Dessa forma, o acervo pode contribuir para a compreensão da historicidade de um povo e de um lugar.

O conhecimento histórico pressupõe um trabalho teoricamente orientado e constantemente submetido a critérios publicamente discutidos e constantemente passíveis de crítica e autocrítica. A memória é algo muito mais abrangente, vincula-se ao modo pelo qual as culturas fazem relações entre passado, presente e futuro. Enquanto a história criou o hábito de pensar sobre suas fontes e suas considerações, a memória encarrega-se de lembrar, com a crença de trazer ao presente o que se passou ou ainda se passa, a partir de certos valores que podem, ou não, reivindicar validade universal. A história, sobretudo nas últimas décadas, trata a memória como objeto de estudo, como fonte para reflexões sobre o modo pelo qual as sociedades lembram, como documento sobre o papel das recordações nas várias dimensões da vida cotidiana, como a religião, a política, a família, a festa etc. (ROZA, 2014, p. 234).

Nesse sentido, a Casa Museu Máximo Rebouças torna-se um ambiente memorável para a aprendizagem em história, um espaço de memória contribuindo com o processo de ensino em História, uma fonte rica de informações. Grande parte dos visitantes, residentes na cidade, são estudantes trazidos por seus professores



que programam algum momento de suas aulas no espaço do museu. Quando perguntado ao idealizador da Casa Museu Máximo Rebouças sobre a sua percepção de ensino de História/ História local proposto por professores junto aos alunos quando visitam o museu, ele responde:

Sigo um roteiro dado pelo professor visitante. Explico todos os compartimentos e deixo os alunos a vontade para fazer suas perguntas. Me prendo mais na proposta do professor. Por exemplo: ele vem com um projeto para conhecimento dos cinemas existentes na cidade, então nesse item eu arranjo com mais detalhes as informações para os alunos. A aula de história fica gravada na memória deles, que vão divulgar esses conhecimentos para a próxima geração. A temática da nossa proposta é essa, conhecer para preservar (REBOUÇAS, Máximo. Entrevista realizada no dia 07/11/2018 por Daniel Syllas. Entrevista escrita disponível no arquivo do autor).

Portanto, a tentativa de buscar, através da memória exposta nas peças e artefatos da Casa Museu Máximo Rebouças, a historicidade dos acontecimentos seja objeto de debate para a aprendizagem da História é de inteira vontade por parte do idealizador do museu abordado aqui. Porém, a desídia praticada pelos professores é perceptível quando não alinham seus planos e projetos de ensino com a linguagem estabelecida pela instituição museológica.

A trajetória que percorreremos a seguir insere-se no campo das discussões recentes a respeito do conceito de museu e das suas concepções e linguagens para a aprendizagem em História.

ENTRE A LINGUAGEM MUSEOLÓGICA E A APRENDIZAGEM EM HISTÓRIA

Os museus são espaços de memórias. Eles são instituições que carregam histórias, tanto individuais quanto coletivas, de uma localidade específica ou de uma nação. Até algumas décadas atrás os museus estabeleciam uma ínfima relação com o povo. Podia-se até mesmo perceber em suas exposições a ausência dos fatos comuns, ou seja, não havia ênfase com as histórias ligadas aos populares. Tais museus tinham o propósito de divulgar os fatos heroicos e de expor com exaltação suas peças e coleções muitas vezes pertencente à nobreza e aos grandes feitos. Segundo Julião (2006, p. 22 *apud* Silva 2015, p. 254), “esses museus eram caracterizados pelas pretensões enciclopédias”, objetivando-se como grandes repositórios de curiosidades.

Em Silva (2015), podemos perceber que nas primeiras décadas do século XX os museus passam a assumir princípios pedagógicos, sobretudo, no que se refere a construção e fortalecimento do sentimento pátrio. A partir daí esse distanciamento



entre os espaços museológicos e o povo começam a ser encurtados e ganham maior proximidade na atualidade.

Essas mudanças nos museus históricos podem ser explicadas por uma série de fatores decorrentes da diminuição das desigualdades sociais, ainda bem atenuante no contexto atual, e o início do processo da democratização da cultura iniciadas em período recente no Brasil. Além disso, essas instituições passaram a fazer parte do cenário brasileiro com mais frequência. Segundo Silva (2015, p. 254) “os museus históricos vão se desenvolvendo no Brasil ao longo do século XX, na ânsia de perdurarem memórias e histórias locais, regionais e/ou nacionais”. Enxergar nos museus espaços que assumem cada vez mais sua função social junto à população requer pensa-lo como lugar de conhecimento, de vivência e de transformação. A modernização e as mudanças em seu arcabouço deram sinais de renovação em sua estrutura e composição.

Estudos historiográficos apontam atualmente novos conceitos que têm modificado a perspectiva dos museus na sociedade e para a sociedade. Essa proposição, segundo Silva (2015, p. 254) “vem corroborar a emergência de novas concepções e linguagens museológicas, fenômeno que há tempos é discutido por museólogos em conjunto com antropólogos, historiadores e sociólogos e outros profissionais”. Diante dessa nova linguagem museológica concebida por uma reestruturação na visão da história e da memória, os museus não são mais vistos somente como lugar de preservação de memória, são entendidos também como espaços produtores de memória.

Os espaços museológicos são diversos e apropriados de um universo de linguagens diferenciadas. Para Santos (2006), citado por Silva (2015), as possíveis mudanças na linguagem museológicas circunscrevem e reestruturam os museus a uma classificação inerente ao seu arcabouço institucional, ao seu propósito e a sua exposição. Nesse sentido, dois tipos de museus nos é apresentado, os Museus-memória e os Museus-narrativa que, merecem a nossa atenção e o apoderamento de seus conceitos para compreendermos e nos apropriarmos de sua estrutura e intenções para o processo de ensino em História.

Os museus-memória estão congregados a uma rememoração dos objetos expostos, encarregando-se por evocar o passado através da memória consubstanciada nas peças e coleções dignas de serem lembradas e, por vezes, exaltadas.

No museu-memória “a preocupação com uma ordenação temporal e a crítica a acontecimentos do passado são inicialmente muito débeis e restritas na historiografia (...) “O museu-memória é, portanto, aquele onde observamos que a história, como reconstrução intelectual, laica e universalizante, submete-se ao poder do afetivo e do mágico, à dialética da lembrança e do esquecimento presente na memória” (SANTOS, 2006, p. 45 *apud* SILVA, 2015, p. 262).



Em oposição aos Museus-memória, os Museus-narrativa tomam como princípio a decodificação do contexto histórico, propondo uma análise da escrita da história construída e dos fatos abordados como verdades dadas. Para Silva (2015, p. 263) “a linguagem museológica no museu-narrativa é mais focada na razão histórica”. O caráter maravilhoso dos objetos do museu não mais é focalizado com exaltação, mas sim, que fatos históricos podem ser descritos a partir deles.

Não preocupado com uma história linear e sucessória de eventos na linha do tempo, o museu-narrativa preocupa-se em produzir um dado conhecimento histórico, o “culto da saudade” é deixado para trás e, sobretudo, abandona-se a fetichização do objeto. À vista disso, o objeto não é o foco da exposição e o culto aos objetos maravilhosos e dotados de um caráter extraordinário não faz parte dessa nova linguagem museográfica (SILVA, 2015, p. 263).

A diferenciação de linguagens entre os museus-memória e os museus-narrativas, elaborada por Santos (2006) em sua obra *A escrita do passado em museus históricos*, nos propõe uma reflexão alicerçada numa visão analítica dos espaços museológicos com a história traçada.

Logo, a partir desses conceitos pensaremos a linguagem museológica construída na Casa Museu Máximo Rebouças e sua conexão com a aprendizagem em história. A princípio, enxergamos na Casa Museu Máximo Rebouças uma grande “recriação” da história local através dos artefatos que foram personificados e que estabelecem uma vigorosa memória da localidade nos levando a concluir que, ora a linguagem museológica do Museu Máximo Rebouças retrata a memória singular de cada sujeito em cada objeto ali presente, ora traz uma lembrança coletiva da localidade em sua exposição. É perceptível a grande ligação do museu com os personagens do passado e do presente através dos artefatos que os representam naquele espaço. Daí acreditamos na grande proximidade do museu com a perspectiva com o Museu-memória.

A aproximação entre os museus e a população esclarece que a história também é congregada pelo povo, ou seja, as ações populares, sua dinâmica e a memória são parte desse construto que é a história. Assim, percebemos que a memória e a história andam juntas no processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva. Nesse sentido, sentimos a necessidade de apontar as imbricações entre memória e história muitas vezes entendidas como semelhantes.

[...] evidencia-se como imprópria qualquer coincidência entre memória e História. A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo



psicossocial de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz (MENESES, 1992, p.12 *apud* SILVA, 2015, p. 266).

A história, porque operação intelectual e laicizam-te, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é absoluta e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p.9 *apud* SILVA, 2015, p. 266).

Diferentemente da memória que se posiciona como fonte e tem como propriedade a preservação de certas informações, a história tem uma ligação mais próxima com a cientificidade, com a investigação, com a “verdade”, ou melhor, “as verdades”. A memória se posiciona como repertório de fatos particulares e coletivos que emerge do povo em um processo social, já a história inteira-se sobre a apuração dos fatos e os oficializa.

Memória é a capacidade que cada indivíduo possui de guardar tais acontecimentos, sejam eles individuais e/ou coletivos. E, são essas memórias que, junto com a história, contribuem na construção da identidade social de um povo, pois como afirma Freitas, “Memória e História são dois instrumentos muito importantes. Ambas são fontes para a construção da nossa identidade” (SANTOS, 2012, p. 2).

O diálogo entre ensino de História e a memória redimensiona a importância social da aprendizagem do estudante possibilitando a reflexão do aluno sobre os valores construídos em outros tempos e no seu contexto atual, assim como, pensar sua prática cotidiana e relacioná-la com a problemática histórica inerente aos grupos de seu convívio e sua localidade.

A memória possibilita e fundamenta a história a partir de um desenvolvimento e envolvimento da pesquisa e reflexão construída socialmente através da relação entre indivíduo, grupos e mundo. É possível, a partir daí, compreender que a história não é única, que a história oficial é apenas umas das verdades das muitas existentes, onde em cada uma delas, as relações de poder e interesses são marcas e incentivos para a sua elaboração.



A história como uma área que se ancora na memória para constituir-se tem nos museus, nos monumentos, e nos elementos da cultura imaterial como a dança, a alimentação e a música importantes lugares de memória. É nesses espaços chamados de "lugares de memória" que cada indivíduo pode compreender o passado e significar o presente em que vive (SANTOS, 2012, p. 3).

O ensino de História que se prevalece da memória como metodologia para a prática educativa tem nos espaços dos museus muitas possibilidades e estratégias para a aprendizagem em história. Segundo Santos (2012, p. 3) "um dos principais objetivos definidos nos PCN's de história dos anos iniciais do ensino fundamental, diz respeito à questão da valorização das diversas formas culturais existentes e também a relação entre passado e presente". Pensar nesses lugares como espaços de aprendizagem nos leva a refletir sobre o uso do objeto cultural na reconstrução de significados que eles trazem para a localidade e para um povo. A memória retratada em cada objeto ou artefato carrega uma história que representa um pequeno ou grande grupo social de uma determinada localidade, assim como, seus interesses, suas lutas e conquistas, seus hábitos e costumes e suas construções e contribuições no seu espaço de vivência.

Portanto, os museus podem ser vistos como espaços de aprendizagem e contribuir para as aulas de História com um processo mais dinâmico e prático, além de aprender sobre os conteúdos trabalhados na sala de aula, também é possível colocar os estudantes em contato com sua cultura e história de forma mais direta, concreta. É possível, vivenciar de uma forma mais íntima as relações dos sujeitos do passado com os do presente, levando o estudante a se sentir parte dos acontecimentos históricos e também responsável pelas mudanças e transformações culturais em uma comunidade.

Dessa forma, acreditamos que a Casa Museu Máximo Rebouças representa um pouco da história de cada um e de todos os indivíduos pertencentes a sua região. Nela, as histórias se congregam entre objetos e indivíduos pertencentes ao espaço de sua localização, estabelecendo relações mútuas entre indivíduos e tempos passados e presente. Mas, essas relações entre indivíduos, objetos, sociedade, grupos sociais e tempo histórico ainda não são pensados e planejados para o ensino de História de forma que contribua com uma aprendizagem que se debruce por uma concepção crítica de ensino.

Assim, compreendemos e concluímos que a aprendizagem em História caracterizado nos museus-memória prioriza a rememoração como o *locus* da elaboração de um pensamento que venha a construir um sentimento de pertencimento com o ambiente ali exposto, desenvolvendo uma sensação que estabelece uma confirmação de sua identidade com o espaço construído. Ainda, enxergamos a pouca exploração da riqueza de informações e conhecimento histórico



por parte de professores e alunos visitantes no espaço museológico por nós estudado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de trabalho aqui apresentada foi uma breve reflexão das possibilidades de ensino e de aprendizagem em História consubstanciada com os espaços museológicos que, apresentam linguagens específicas e intencionadas a partir da proposta de cada museu.

A abordagem que traçamos nesse trabalho nos levou primeiramente a discorrer sobre os vínculos que os sujeitos estabelecem com os espaços vivenciados e que constroem relações identitárias e históricas. Pois, é no espaço do museu que os indivíduos do presente também podem construir sua relação com os fatos passados, com as dinâmicas e culturas deixadas como legado para as próximas gerações.

Apresentamos em seguida considerações sobre o ensino de História e sua aproximação com a memória e o patrimônio cultural. O ensino de História ligado a memória é uma representação do passado de cada sujeito e de diferentes grupos sociais. Não somente conhecer o passado é importante para compreender o presente, mas conhecer sua própria história e o seu cotidiano dão evidência a sua posição social e a sua identidade. O ensino de história e sua conexão com a memória e patrimônio cultural coloca o sujeito próximo de sua realidade

Para compor e dar sustentabilidade ao processo desenvolvido nesse estudo buscamos nos espaços museológicos caminhos metodológicos e fundamentos para o pensamento que vinha se erguendo durante a produção desse texto. Como espaço de estudo e de embasamento focalizamos na Casa Museu Máximo Rebouças a concretude do objeto discutido e estudado, visto que, os museus podem ser visualizados como ambientes de possibilidades para a aprendizagem em História. É através da rememoração exposta nos museus e da linguagem estabelecida por eles que a História confirma e estabelece sua plausibilidade como área de conhecimento do passado.

Por fim, buscamos desenvolver uma sucinta reflexão a respeito da linguagem museológica utilizada nessas instituições e sua conexão com o ensino de História. Tentamos penetrar nos espaços museológicos através de dois tipos de museus, os museus-memória e os museus-narrativa, como conceitos correspondentes ao nosso foco de estudo.

Concluimos então que, os espaços museológicos são ambientes de grandes possibilidades para a aprendizagem em História e que, são também nesses espaços por excelência que os sujeitos estabelecem uma conexão com os acontecimentos e fatos do passado através da rememoração.



REFERÊNCIAS

- BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, Memória e História Local. *Criar Educação*. Campina Grande (PB), Ediunesc, v. 2, n. 2, p. 01-23, Jul-Dez 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/criaredu/article/view/1247/1191>>. Acesso em 26 de setembro de 2018.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do mundo*. 2ª ed. rev. amp. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2008. 342 p.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. *Guia dos Museus Brasileiros*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. 592 p. Disponível em: <www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_nordeste.pdf>. Acesso em: 21 de novembro de 2018.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. Um lugar na escola para a história local. *Ensino em RE-VISTA*. Uberlândia (MG), EDUFU, v. 4, n. 1, p.43-57, Jan./dez. 1995.
- HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Trad. Janaína Marcoantonio. 13ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016. 464 p.
- OLIVINDO, Mário Sérgio Pereira de. Ensino de história e memória: usos do passado e os desafios do historiador e do professor. In: XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 2017, Brasília. *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História*, Brasília, 2017, p. 01-14. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502847512_ARQUIVO_ENSI NODEHISTORIAEMEMORIASIMPOSIOe.pdf>. Acesso em: 20/09/2018
- ROZA, Luciano Magela. Heterogeneidade temática e usos da memória de uma experiência histórica: uma visita ao Museu Digital da Memória Afro-Brasileira e Africana. *Revista História Hoje*, Marília – SP, v. 3, nº 6, p. 223-238, Jul/Dez 2014. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/issue/view/RHHJ%2C%20v.%203%2C%20n.%206/s howToc>>. Acesso em: 21 de novembro de 2018.
- SANTOS, Mileide Borges Adalberto. Memória e o ensino de história. In: VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 2012, São Cristovão. *Anais do VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*, São Cristovão/SE, 2012. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_05/PDF/19.pdf> Acesso em: 22 de set. 2018.
- SILVA, Bruno Sanches Mariante. Percepções sobre a linguagem museológica do Museu Histórico de Londrina: a exposição “Cuidar, Curar, Lembrar – memória da saúde em Londrina” e as representações de mulheres. *Revista Antíteses*, Londrina –



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2019.39148

PR, v. 8, n. 16, p. 252-278, Jul /Dez 2015. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/issue/view/1148>>. Acesso em:
21 de novembro de 2018.

Recebido em 27 de dezembro de 2018

Aceito em 26 de abril de 2019



A e-Mosaicos – Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está licenciada com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento Creative Commons adotado pela revista.